

APRESENTAÇÃO

A Geo UERJ foi criada, no formato impresso, no ano de 1997, com o objetivo de proporcionar melhor qualificação para o curso de Geografia da UERJ. Nesse período foram publicados 16 números, 2 por ano, com inúmeros artigos, resenhas e entrevistas. O Instituto de Geografia da UERJ cresceu. Além da graduação, oferece na atualidade, um curso de pós-graduação lato sensu (especialização em Políticas Territoriais do estado do Rio de Janeiro) e um curso de pós-graduação stricto sensu (mestrado). A Geo UERJ esteve interrompida, nos anos de 2005 e 2006 e para continuar viabilizando a publicação de trabalhos foi transformada em revista eletrônica, com o objetivo de possibilitar um acesso mais amplo à comunidade acadêmica dos artigos encaminhados para publicação. No novo formato, a Geo UERJ publicará preferencialmente artigos e resenhas. Eventualmente podem ser publicadas entrevistas com profissionais de destaque na Geografia. Contudo não se acredita em fórmulas fechadas e definitivas. A revista continuará sendo fruto de um movimento aberto em que o “fazer-se” será permanente e, de acordo com a receptividade e as sugestões apresentadas, poderá sofrer alterações. A periodicidade continuará a ser semestral, com a edição de dois volumes ao ano, com fluxo contínuo para a submissão de artigos para a publicação.

O número 2 de 2010 da Geo UERJ é aberto pelo trabalho da Professora Fany Davidovich intitulado *Estado do Rio de Janeiro: o Urbano Metropolitano, Hipóteses e Questões*. Este reproduz a Aula Magna do Programa de Pós Graduação em Geografia da UERJ, para o primeiro semestre de 2010, proferida pela mesma professora. Geógrafa aposentada pelo IBGE, a Professora Fany Davidovich se destacou por uma produção acadêmica de alto refinamento perceptivo e criativo. Tais predicados são reconhecidos no presente trabalho que trata das relações históricas entre o poder dos diversos agenciamentos políticos e econômicos, notadamente, o do governo federal, e a construção do espaço geográfico fluminense. O trabalho contém minuciosa informação sobre a acumulação material industrial e de infra-estrutura, bem como, sobre a formação do capital social fluminense, componentes atenuantes de perdas, como a da função de capital pela cidade do Rio de Janeiro. Critica a utilização do método de centralidade urbana como instrumento principal para descrever espaços em industrialização já avançada e introduz as descrições de cidades em rede e eixos de cidades. Alerta quanto ao futuro, quando se intensifica a competição entre os estados da Federação por

atenções federais, como no caso dos royalties do pré-sal, e para a necessidade da sociedade fluminense encontrar forças criativas internas.

Os quatro artigos seguintes compõem um setor voltado em termos teóricos para o pensamento interdisciplinar, abordando questões do movimento e do desenvolvimento social e espacial: *Capitalismo e Urbanização em uma Nova Chave* é do Professor Emérito da UCLA, Allen J. Scott. Criador do conceito de região-cidade global, dono de alta reputação internacional, o nome de Allen J. Scott dispensa apresentações. O seu trabalho trata das novas condições da urbanização no contexto de uma nova transição do capitalismo marcada pelo maior desenvolvimento dos serviços de alta qualificação e pela expansão de uma força de trabalho de alto conteúdo cognitivo e cultural. Uma economia que tende a se concentrar particularmente nas grandes regiões-cidade globais. Os aspectos tecnológicos, as ocupações, os setores de atividade, os predicados da nova força de trabalho, já não mais dividida no modo *fordista* de colarinhos azuis/colarinhos brancos são descritos. As novas divisões da força - de- trabalho, as novas estruturas urbanas são tratados criticamente. Aborda os movimentos ideológicos-políticos que acompanham a nova economia e finaliza com um posicionamento crítico às novas desigualdades e fragmentações sociais e urbanas, ao excessivo individualismo, e faz um chamamento por comprometimento democrático participativo.

Pedro Geiger é geógrafo aposentado do IBGE e Professor Visitante da UERJ. Ele comparece com o trabalho *Planos de Níveis do Movimento Universal: Poe um Materialismo Histórico e Geográfico*. O foco central, de natureza interdisciplinar, se encontra na idéia de um desencadeamento de movimentos e formação de objetos, em níveis superpostos, a partir da explosão inicial da teoria do *big bang*. A explosão inicial, criadora do Universo instituiu o espaço e o tempo, inseparáveis. Origem do primeiro movimento e dos primeiros objetos na forma de partículas, estes deram origem a novos movimentos, ou forças, criadores de novos objetos e assim, sucessivamente. O planeta Terra se constituiu num espaço privilegiado para o surgimento da vida biológica e social, fontes de uma multiplicidade incrível de desdobramento de objetos e movimentos superpostos. As diferentes ciências foram se ocupando do exame dos diferentes objetos e movimentos, cabendo à Geografia o trato particular os objetos tidos como *entes geográficos*. Uma vez que o *materialismo histórico* trata do movimento do conhecimento, e considerando que todos os movimentos são, a um tempo, temporais e espaciais, sugere-se a expressão *materialismo histórico e geográfico*.

Teresa Coni Aguiar é aposentada pelo IBGE, doutoranda da prestigiosa Universidade Federal Fluminense. Ela possui forte experiência de planejamento, tendo ocupado altos postos na administração estadual e municipal do Estado e da cidade do Rio de Janeiro. Neste trabalho, *A Concepção Sociedade/Natureza Redimida pela Questão Ambiental Contemporânea*, o enfoque se volta para a exposição da Geografia ao diálogo sobre os diversos paradigmas da questão ambiental. Para tanto, realiza uma revisão de literatura geográfica desde o século 19, o que naturalmente acaba se traduzindo num estudo da identificação da Geografia como um todo. Depois de criticar a linha marxista apenas através da leitura de autores geógrafos, sem citar um Lefébvre, por exemplo, o trabalho acaba se centrando em Yi-Fu-Tuan e na chamada linha da Geografia Humanista. Coloca a questão ambiental não como uma questão simplesmente ecológica, da ciência da natureza, mas, no âmbito da história do homem. Propõe tirar a Geografia da marginalidade através da questão ambiental, hoje socialmente valorizada.

A questão da origem comum dos movimentos e dos entes que compõem o Universo em feral, e a superfície terrestre em particular, bem como, a dos graus de autonomia de que cada um deles é dotado, aparece, mais uma vez, no trato do duto e interessante trabalho de um mestrando da Universidade Federal de Uberlândia. Em *Existir Como Natureza, Viver Numa Cultura: pensar e “habitar em” novas territorialidade*, Geraldo Inácio Martins, aborda o tema das articulações entre a multiplicidade de naturezas e culturas no processo do estabelecimento de um “habitar”. A superação de natureza/ natureza e de cultura/cultura reside na superação da dicotomia cartesiana de objeto/sujeito. O trabalho apresenta uma boa definição da territorialidade como “uma atribuição de valor à natureza que se encontra em nossa cultura, e à cultura que se encontra na natureza”. Natureza, cultura e territorialidade e suas articulações se encontram sujeitos a outro movimento, social, ao da história. Caberia, pois, associar a multiplicidade da cultura e da natureza ao tempo, à história. Cabe também discutir as questões de territorialização, da des-territorialização e da re-territorialização e de suas relações como o conceito de habitar.

Seguem-se quatro artigos cujos temas dizem respeito a instâncias sociais culturais, ou a produtores de conhecimentos de Geografia: O Professor Aniello Ângelo Avella comparece com o artigo *Brasil, Portugal, Itália – Figuras e Momentos de uma Nova Geografia Cultural*. O Professor Aniello Ângelo Avella é da Universidade de Roma Tor Vergata e atualmente Professor Visitante da UERJ. Partindo de uma estadia de Sérgio Buarque de Holanda em Roma, de 1952 a 1954, durante a qual este pesquisou as

relações mútuas entre as cidades italianas e o mundo português desde os tempos coloniais, inclusive dos financiamentos genoveses e florentinos para as navegações, Aniello Avella expande o trabalho até os tempos atuais. Trata da difusão maior destas relações na esteira da imigração maciça italiana desde o século 19 e da atuação de personagens, como a imperatriz Tereza Cristina, irmã do rei de Nápoles. Aponta para o papel dos migrantes no desenvolvimento de determinadas atividades artesanais e em setores de alta cultura, como Anita Malafati e Cândido Portinari, assim como, na formação de comunidades em bairros O Brasil para o mundo português: 1885-1889, se centraliza sobre a história da típicos de São Paulo e Rio de Janeiro. Neste sentido, diferente da influência francesa, a italiana cobre maior diversificação social.

Cristina Pessanha Mary é jovem professora e pesquisadora da prestigiosa Universidade Federal Fluminense. O seu trabalho *O Brasil para o mundo português: 1875-1889*, centrado sobre a história da Sociedade de Geografia de Lisboa (fundada em 1875) para aquele período é um meio de descrever todo um quadro de época para o Mundo, para Portugal e para o Brasil. As descrições apresentadas, de forma implícita, tornam marcante a diferença do clima político ideológico reinante no Brasil do tempo do Império, as empatias mútuas entre as aristocracias portuguesa e brasileira, e o clima que viria com a proclamação da República. Como se a República representasse um segundo grito de rompimento como o colonialismo. Além das luzes sobre as relações luso-brasileiras, o trabalho traz novas tintas para o papel da geografia para a expansão colonial européia.

O altamente conceituado Professor Doutor Marcos Aurélio Saquet, da Unioeste de Francisco Beltrão, nos brinda com a recordação de Manoel Correa de Andrade, trazendo o artigo *Contribuições para o Entendimento da Obra de Manuel Correa de Andrade: Geografia, Região, Espaço e Território*. Existem acadêmicos que, à medida que desenvolvem os seus conhecimentos e epistemologias, alteram o seu comprometimento ideológico/político. Outros, pelo contrário, se valem de novas conquistas de conhecimento para prosseguir em suas estratégias profissionais e ideologias políticas já traçadas. Este seria o caso de Manuel Correa, lutando sempre por um lugar alto da Geografia no pensamento intelectual, social, brasileiro. evocando autores tão adversos como Pierre Deffontaines, ou Pierre George, Vidal de la Blache, ou David Harvey.

O texto do artigo consiste em percorrer esta trajetória apresentando definições dos termos mencionados no título e que aparecem nas obras de Manuel Correa, sem um envolvimento maior por parte do autor do artigo no debate sobre os conceitos emitidos.

Assim, não é discutido, por exemplo, o por que do fato de A Terra e o Homem do Nordeste colocar o território físico à frente do mundo social, e não o contrário. O trabalho de Manuel Correa suscita questões interessantes, como o papel da classe na construção de regiões; ou os significados de conteúdo e forma, tempo e espaço, mundo vivido e mundo concebido, presentes na diversidade das conceituações de território, espaço e região. Temas que se aguarda de próximas contribuições do professor Marcos Aurélio Saquet. Que realiza a importante ação de manter viva a História da Geografia brasileira.

Cinco artigos deste número da Revista abordam questões pragmáticas bem delimitadas e sujeitas à política pública: Rolf Sterenberg é um brazilianista americano, professor da Montclair State University de New Jersey que há décadas se dedica a estudos da geração elétrica no Brasil. Neste trabalho, *Hydroelectricity on Wings of Transition, a Hidroeletricidade nas Asas da Transição*, ele traz ao conhecimento as instigantes mudanças que ocorrem, ou que se encontram projetadas no campo universal da produção da energia elétrica. Mudanças sustentadas tanto pelo interesse econômico de maior aproveitamento de recursos naturais, baixa de custos, como pelas pressões da crescente questão ambiental. A descrição se realiza trazendo à baila os 130 anos de utilização da energia elétrica e com exemplos tomados das diversas partes do Mundo. Grande atenção é dada a uma questão inovadora de alto interesse, a questão da eletricidade hidrocinética. Ela não se reduz à utilização de marés e ondas oceânicas, mas, também, de grandes rios em planícies, sem a necessidade de altas barragens e amplos represamentos, através de novos tipos de turbinas e agitação das águas. Um sistema que minimiza os atuais problemas sociais e ambientais criados pela construção das grandes hidrelétricas clássicas. Um tema particularmente importante para o Brasil.

Thompson de Andrade é economista aposentado do IPEA e Professor aposentado da UERJ. Trata-se de um dos pioneiros introdutores da chamada economia espacial, na década de 60, movimento associado à chamada ciência, ou economia, regional. No presente trabalho, intitulado *Desigualdades Econômicas Intermunicipais, Regionais e Intra-regionais, Evolução no Período 1999-2008*, o autor contribui para o conhecimento geográfico do território fluminense. Um conhecimento que serve à definição de políticas por parte do governo estadual, como na definição de prioridades locais em relação a investimentos produtivos e em relação a seus próprios investimentos de infra-estrutura. Utiliza o *Índice de Theil* aplicado a mensurações de PIB e a rendimento per capita. Trata-se de verificar as diferenças na evolução das

regiões fluminenses e seus efeitos sobre as diferenças internas, entre os municípios de cada região. Dando valor 100 à posição de cada região em 1999, verifica os maiores aumentos na Baixada Litorânea, 395, dado o turismo, no Norte Fluminense, 314, dado o petróleo, e no Médio Paraíba, 253, dada a indústria automobilística. No entanto, nestas regiões a desigualdade interna cresceu muito, uma vez que aquelas atividades se concentraram em determinados municípios. Pedro Geiger, um dos autores deste editorial, e autor de artigo sobre *Planos de Níveis de Movimentos Universais*, aproveita para mostrar que o rebatimento do movimento municipal sobre o movimento regional, tratado por Thompson Andrade, é um exemplo da interação de níveis de movimentos.

Os professores Beatriz Ribeiro Soares e Helio Carlos Miranda de Oliveira, da Universidade Federal de Uberlândia, trazem o interessante trabalho *Contribuições do Projeto Moniyoreo de Ciudades Intermédias para o Estudo das Cidades Médias*. O projeto faz parte do Programa de Festão Urbana da Coordenação Regional para a América Latina e o Caribe, que por sua vez é parte do *Programa das Nações Unidas para o Assentamento Humano*. Este Programa para o Assentamento Humano conta com a participação do laboratório de Sociologia Urbana da Escola Politécnica de Lausanne e financiamento suíço. O objetivo do artigo é mostrar as contribuições que a execução do projeto traz ao conhecimento das funções e potencialidades para o desenvolvimento das cidades da América Latina e propondo uma metodologia de monitoramento para as mesmas. Note-se que a qualificação de intermediárias não se refere apenas à dimensão das cidades, mas, também a seu papel de intermediação com as áreas de seus entorno. A cidade pequena tem o seu entorno coberto pela cidade média, enquanto que a cidade grande tende a estender a sua influência pelo país inteiro. Uma tipologia de cidades médias as qualifica como pólos econômicos, mercados regionais, capitais regionais, nós de comunicações, membros de conurbações, etc. A análise cobre uma variedade de variáveis e indicadores, e aborda o posicionamento das cidades médias em processos competitivos, econômicos e políticos, da globalização.

Ana Claudia Folmann, Maria Lígia Cassol Ponto e Gilson Burigo Guimarães, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, apresentam o trabalho *Trilhas Interpretativas como Instrumentos de Geoturismo e Geoconservação: Caso da trilha de Salto São Jorge, Campos Gerais do Paraná*. Com este trabalho atingem vários objetivos importantes, de natureza ideológica e empírica. O trabalho ilustra um aspecto da atuação pública associada à atual formação social cognitiva cultural, voltada para a minimização dos danos degradantes que o peso do turismo de massa pode infligir ao ambiente

natural. As trilhas são uma forma de canalizar os caminhamentos humanos na exploração turística, seduzindo os turistas para a sua utilização através de informações fixadas ao longo das trilhas, sobre os conteúdos das paisagens por elas atravessadas. Por outro lado, o trabalho relembra os objetos específicos da Geografia, os entes geográficos, como produtos materiais produzidos pela natureza, ou pelo trabalho humano, na superfície terrestre. Neste sentido, Geografia Física e Geografia Humana são articuladas num movimento único. O artigo oferece ainda um estudo da natureza física da bacia hidrográfica do rio São Jorge.

Carlos Alexandre Alexandre de Bortelo comparece com o artigo *A Produção de um Espaço Público e os Agentes Produtores da Cidade: o caso do Lago Igapó em Londrina PR*. Esta geografia poderia suscitar como tema um caso que se reproduz nas cidades do interior do Brasil: a produção de um lago que lembre o mar, de onde chegou o colonizador, enquanto oferece as amenidades próprias do litoral. Dois terços do trabalho se dedicam a citações de idéias teóricas de autores, como Santos, Lefébvre, A Fani Carlos, Harvey, R Corres, Massey, I Rangel, etc.sobre a produção do urbano. O autor apresenta um breve histórico da produção da área urbana em tela, sem destacar o papel das esferas de poder eventualmente envolvidas.

Um setor da Revista é dedicado aos movimentos sociais: O artigo de Roseli Alves dos santos, *Participação Política das Mulheres Agricultoras nas Organizações Populares e Sindicais no Sudoeste do Paraná* é um trabalho fascinante, que partindo de observações sobre práticas associadas ao cotidiano da vida social, projeta o pensamento para a teoria social e, particularmente, para o papel da territorialidade para as qualificações das formações econômicas sociais. Como afirma a autora, não se trata de erguer reivindicações feministas na área da agricultura familiar, ou na área das atividades políticas, mas, através da perspectiva de gênero, promover a compreensão mais profunda da história do movimento econômico, social e político no quadro geográfico do Sudoeste paranaense e inserido no movimento geral do país. Neste sentido, a narrativa nos faz pensar sobre a disputa histórica, presente desde o Segundo Império, entre Exército e Igreja, pela alma 'nacional', como objeto de poder, ambas as instituições defendendo valores válidos e difíceis de compatibilizar. As dificuldades da agricultura familiar ante a agricultura das grandes empresas são encontras em interessantes dados estatísticos, onde se nota a fuga do campo dos jovens de maior escolaridade.

Na área didática, os professores Felipe Correa dos Santos e Waterloo Pereira Filho, da Universidade federal de santa Maria, mantêm a tradição do Rio Grande do Sul, como um Estado voltado para o desenvolvimento de atividades didáticas. Seu artigo *O Uso de Imagens de Satélite como Recurso Didático para o Estudo da Categoria Lugar*, não é uma simples descrição de procedimentos técnicos. Fundado em literatura especializada avança na questão da vivência do real, quando sensações de transcendência são alcançadas por intermédio da utilização de instrumental técnico. Foram constatadas através de testes melhoras no conhecimento do espaço vivido de alunos secundaristas como resultado de trabalhos com mapas mentais construídos a partir do exame de imagens de satélite. As formas e as dimensões do espaço geográfico são interiorizadas na compreensão dos alunos.

Glaucio José Marafon e Pedro Geiger

Editores desse número